

Sex and the Sixties: Relendo How Far Can You Go? (1980), de David Lodge

Miguel Alarcão

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – UNIVERSIDADE NOVA
DE LISBOA / CETAPS

Citation: Miguel Alarcão. “*Sex and the Sixties: Relendo How Far Can You Go? (1980), de David Lodge.*” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 12, n.º 2, 2023, pp. 56-67. ISSN: 2182-9934. Web: <http://ojs.lettras.up.pt/>. DOI: https://doi.org/10.21747/2182-9934/via12_2a4.

Abstract

Focusing on the theme of sexuality, prevalent in David Lodge’s novel *How Far Can You Go?* (1980), this article seeks to highlight how the author’s Catholic education and beliefs fictionally coexist with the critical and comic sense of someone whose adolescence and youth took place in the post-war years.

Keywords: David Lodge; *How Far Can You Go?*; British Catholic Authors; Catholicism and Sexuality; Great Britain (1950s-1960s)

Resumo

Concedendo destaque à temática da sexualidade, dominante no romance *How Far Can You Go?* (1980) de David Lodge, o presente artigo procura ilustrar como a formação e as convicções católicas do autor convivem ficcionalmente com o sentido crítico e cómico de alguém cujas adolescência e juventude decorreram nos anos do pós-guerra.

Palavras-chave: David Lodge; *How Far Can You Go?*; Autores Católicos Britânicos; Catolicismo e Sexualidade; Grã-Bretanha (Anos 1950-1960)

“In the fifties, everyone was waiting to get married. . . .” (30)

“The rediscovery of sex . . . was what the sixties was all about.” (100)

- David Lodge, *How Far Can You Go?*

As visões e posições doutrinárias da Igreja Católica sobre o corpo e a(s) sua(s) representação(ões), utilização(ões) e funcionalidade(s) têm-se pautado não raro por alguma ambivalência: se, por um lado, ele é tradicionalmente encarado como “templo de Deus” ou “morada do Espírito Santo”, espiritualizando-se assim uma sexualidade orientada para a procriação/natalidade¹ e a expressão de um amor humano idealmente iluminado pela centelha do divino, o desconforto da Igreja é já visível quando essa sexualidade se “materializa” numa (im?)pura fruição do desejo, da carnalidade e do prazer não dirigidos específica ou prioritariamente para tais fins. Em *Faithful Fictions: The Catholic Novel in British Literature*, Thomas J. Woodman defende que

Popular Catholicism is notorious for its over-attention to sexual matters The mixture of prohibition and prurience, awareness of the fascination and danger of female beauty, the idea of the sexual secrets of the confessional, the horror of sin and yet its easy forgiveness, all combine to make Catholicism the most sexually obsessed and charged form of religion. (188-90)

Ora, como se sabe, o surgimento, a partir da década de 1950, de uma juventude culturalmente bastante diferente da dos tempos de (pré-)guerra, traduzir-se-ia, sobretudo nos anos 60, na reivindicação, defesa e prática do planeamento familiar e de políticas anticoncepcionais, da liberdade sexual ou do “amor livre”, bem como por debates em torno dos direitos das mulheres, nem sempre incluindo ou tomando em consideração os dos embriões e fetos, no caso de uma gravidez inesperada e indesejada. Na verdade, questões como a datação do início de vida e em que casos poderia legalmente ter lugar a Interrupção voluntária da gravidez ilustram a extrema delicadeza e complexidade pessoais, sociais, morais, deontológicas e jurídicas de todas estas matérias.

O Concílio Vaticano II (1962-1965), largamente inspirado e conduzido pelo Papa João XXIII (1958-1963), assinalou reconhecidamente uma abertura reformista,

modernizadora e, de algum modo, liberalizante em aspetos pragmáticos e ritualístico-cerimoniais da vida da Igreja Católica e das comunidades crentes espalhadas pelo mundo,² mas, no que concerne ao amor laico, acreditamos não ser inexato nem injusto dizer que não operou qualquer revisão significativa das posições oficiais da Igreja sobre as temáticas do corpo, da sexualidade e da natalidade. O magno conclave viria a ser encerrado já durante o pontificado de Paulo VI (1963-1978), autor da Carta Encíclica *Humanae Vitae* de 25 de Julho de 1968, praticamente contemporânea do “Verão do Amor” e que, conforme notava Bernard Bergonzi em 1995, “. . . provoked a crisis not only about sexuality but about authority in the Church that is still unresolved” (34). Esta perspetiva é corroborada e expandida por Thomas J. Woodman:

Much of the controversy of the time focused on birth control, an issue which raised central questions about the relationship between individual conscience and church authority and tradition, and which presented the clearest possible clash between the pressures of a hedonistic and permissive society and a conservative asceticism. Progressive priests . . . had for some time refused to condemn “artificial” birth control, and the hope grew that Rome would officially permit it. When Pope Paul VI reaffirmed the traditional teaching in *Humanae Vitae* . . ., there was considerable disappointment, and since many Catholic couples continued to ignore the teaching, older ideas of authority were further weakened. (62-3)

Em *Anglo-Catholicism. A Study in Religious Ambiguity*, W. S. F. Pickering aborda, por sua vez, algumas questões doutrinárias e pragmáticas ainda em aberto no catolicismo britânico, começando por argumentar que:

As conventionally defined, a religion spans two orders of reality: one relates to the here-and-now; the other is . . . totally removed from it, for it stands outside it. This other order of reality --- this other world --- is often referred to as the divine, the transcendental, for in it are located God, gods, spirits, mysterious and unknown forces. They are in an order of existence which is seen to stand over against the mundane, the ordinary, the worldly, the everyday. The two orders of reality are extended in dichotomous terms to body/soul, flesh/spirit, earth/heaven, man/God, death/life, profane/sacred, time/timelessness, to give but a few examples. Such dichotomies are found in all religions. No religion is free from them. . . .

The position taken here is that all religions contain elements of ambiguity, either in statements . . . or in actions. . . . From them no religion is free . . . because no religion can be totally rational, totally obvious, totally natural, totally “scientific”. (3-4)

Para o que aqui especificamente nos importa, a relação entre sexualidade e catolicismo ficcionalizada por David Lodge em *How Far Can You Go?*³, Arthur Marwick recorda que: “. . . the pill only began to be . . . widely used in Britain in the late 1960s. And even then, as a 1970 survey reported, only 19 per cent of married couples under forty-five were using the pill, while 29 per cent were using the condom and 37 per cent . . . no contraceptive method at all” (*British Society* 88).⁴ Quanto à legalização da prática do aborto na Grã-Bretanha, ela data, como se sabe, de 1967. É certo que, desde o século XVI, a tutela espiritual da Igreja Anglicana (*Church of England*) não é exercida pela Santa Sé, mas pela Coroa britânica, “acolitada” pelo Arcebispado de Canterbury, mas isso não significa que não exista uma significativa comunidade de católicos ingleses/britânicos,⁵ que integra justamente o autor que passamos a apresentar.

David Lodge (1935-), Professor no Departamento de Inglês da Universidade de Birmingham, onde lecionou até se aposentar (1960-1987), dedicou-se, a partir daí, em pleno à “escritura”, tomando de empréstimo este feliz termo de Miguel Esteves Cardoso. Católico e um dos cultores e expoentes do romance acadêmico britânico (embora *How Far Can You Go?*, apesar de alguns episódios e passagens relativos à vida universitária, não constitua verdadeiramente um exemplo deste subgênero, razão pela qual não o abordaremos a essa luz),⁶ Lodge era uma presença regular na celebração da missa dominical na Capelania da Universidade, conforme foi possível testemunhar ao longo de três anos enquanto Leitor de Português na referida universidade (1986-87 a 1988-89 inclusive). No final de uma dessas celebrações, o Pe. Nicholas Latham, ao fazer um pedido de angariação de fundos, declarou, entusiasmado: “We need a **hell** of money!” (negrito nosso). Perante a estupefação inicial da assembleia, seguida de risos, o sacerdote corou até à raiz da sotaina e corrigiu, sorrindo: “I mean, we need a **heaven** of money!” (idem).

O objetivo do presente artigo será, pois, o de, concedendo destaque à temática da sexualidade, dominante neste romance, tentar ilustrar como a formação e as convicções católicas de David Lodge, comum a outros insígnis romancistas, ensaístas e críticos literários de expressão inglesa, como G. K. Chesterton (1874-1936), T. S. Eliot (1888-1965), Evelyn Waugh (1903-1966), Graham Greene (1904-1991)⁷ e Muriel Spark (1918-2006), convivem ficcionalmente com o sentido crítico e cômico⁸ de alguém cujas adolescência e juventude ocorreram/decorreram precisamente nos anos do pós-guerra.

No prefácio ao seu primeiro volume de memórias, intitulado *Quite a Good Time to Be Born. A Memoir: 1935-1975*, Lodge recorda que:

I was brought up in the Roman Catholic faith, which had not significantly altered in its beliefs and devotional practice since the Counter-Reformation and had successfully resisted the intellectual and moral challenges of modernity, but which from the 1960s onwards underwent a series of momentous changes and internal conflicts. Catholicism has stimulated my imagination as a novelist both before and since that upheaval. (2)

Embora o período de tempo contemplado neste volume termine cinco anos antes da data de publicação do romance em apreço, David Lodge anuncia-o e contextualiza-o nos seguintes termos:

My next one [novel] would contain some comedy, and even farce, but in a darker and more ironic vein . . . , as it followed the fluctuating fortunes and attitudes of more than a dozen Catholic men and women, from their youth in the early 1950s to the late '70s, coping stressfully with courtship and marriage, faith and doubt, in an era of sexual revolution and an increasingly conflicted, pluralistic Church. The aim was to represent . . . the great changes that had taken place . . . in Catholic belief and practice, including my own. In the process of researching and writing *How Far Can You Go?* my faith had been demythologised, and I had to recognize that I no longer believed literally in the affirmations of the Creed which I recited at mass every Sunday, though they did not lose all meaning and value for me. (*Quite a Good Time* 478)

A evocação deste progressivo distanciamento crítico é retomada, com surpreendente sinceridade, no segundo volume de memórias, intitulado *Writer's Luck*:

. . . like many others I found them [the Creed and the Catechism] increasingly difficult to accept in a literal sense. I decided that the language of religion is essentially metaphorical or symbolic and therefore comparable to literary language, which creates a virtual reality always open to variable interpretation. On this basis I continued to immerse myself once a week in that discourse by attending Sunday mass, saying the responses, reciting the Creed, singing the hymns, listening to the scriptural readings and the homilies, but with increasing awareness of the cognitive dissonance between what was said or what I said in response, and what I actually believed or did not believe. . . . So it was not until a few years ago that I stopped going to mass regularly and publicly declared, when asked, that I was no longer a “practising Catholic”. (*Writer's Luck* 11)

Galardoado com o Prémio Whitbread como Livro do Ano, *How Far Can You Go?* foi já apresentado como “. . . the most central, amusing and compassionate account of the changes in Catholicism throughout this period” (Woodman 65; veja-se também 200). O próprio título desenha desde logo uma clara fronteira comportamental (e, especificamente, sexual) entre, por um lado, a permissão e tolerância, e, por outro, a inibição, proibição ou restrição, encenando e testando ficcionalmente os respetivos limites doutrinário-religiosos, morais e psicológicos. A potencial vertente transgressora acha-se, aliás, representada na capa da nossa edição através das imagens de homens, mulheres, maçãs e serpentes, remetendo para a tentação de Adão e o pecado original, narrados no livro do Génesis, além da reprodução do ícone pontifício.

Explorando, de algum modo, a convenção e tradição literárias da formação, do crescimento e dos ritos de passagem característicos do *Bildungsroman*, *How far Can You Go?* cobre a transição da juventude para a idade adulta de nove jovens universitários católicos (Angela, Dennis, Michael, Adrian, Polly, Miles, Ruth, Edward e Violet) desde 1952 até 1975. Esta linha do tempo da narração é pontuada pela evocação de factos e acontecimentos marcantes da história britânica, europeia e mundial, como o falecimento de George VI em 1952 (22); a coroação isabelina em 1953 (31); o fim das senhas de racionamento em 1954 (31); a crise do Canal do Suez, a invasão da Hungria pela União Soviética, a primeira marcha organizada pela *Campaign for Nuclear Disarmament* (CND) e a publicação de *Look Back in Anger*, de John Osborne, todos eles de 1956 (48); a morte de Pio XII em 1958 (68); o julgamento decorrente da publicação, em 1960, de *Lady Chatterley's Lover*, de D. H. Lawrence (76); o caso Profumo, em 1963 (76); a vitória da Inglaterra no Campeonato do Mundo de 1966 e a afirmação de John Lennon sobre a popularidade dos Beatles face à de Cristo (102);⁹ a invasão da Checoslováquia, as manifestações no Ulster e o assassinato de Robert Kennedy em 1968 (113-4), as campanhas pelos direitos cívicos e contra a guerra no Vietname (139-40), o Movimento Carismático (174), etc.

O início do romance apresenta estes nove universitários como frequentadores da igreja de Nossa Senhora e S. Judas,¹⁰ membros de um grupo de reflexão sobre o Novo Testamento, coordenado pelo Padre Austin Brierley, e todos eles ainda virgens, à semelhança, aliás, de David Lodge e Mary Jacob, antes do seu casamento (realizado em maio de 1959).¹¹ Dando particular atenção a relacionamentos e vivências amorosas destes jovens, em permanente cruzamento com a sua formação e consciência de raiz católica, a narrativa acompanha lances e etapas das suas vidas pessoais, sentimentais, profissionais e sociais.

A orientação religiosa, assim como a carreira académica, de David Lodge convida, naturalmente, à tentativa de deteção de eventuais marcas ou projeções autobiográficas, pese embora o carácter sempre tentativo e falível dessas interpretações e leituras. Para dar outro exemplo, além do da virgindade pré-matrimonial, o facto de Lodge ter sido Professor no Departamento de Inglês legitima que se encare a personagem Michael, apresentada como “Head of the English Department” (196), como uma figuração ou encarnação do autor empírico?¹² Já o passo seguinte merece credibilidade enquanto representação realista, mas necessariamente ficcional(izada),¹³ de uma certa atmosfera ou ambiência cultural e mental da população universitária dos anos 60:

At the College . . . sexual morality was in a fascinating state of flux. Many of the students who had come up as good, obedient Catholics had, in the course of their studies, either lost their religious faith altogether or espoused a radical and highly permissive version of it; and it was well-known to the students and some staff that many couples . . . were having fully consummated relationships under the very roof of the College. The residential accommodation was segregated only by floor, and supervision was not strict. Little ingenuity was needed to smuggle a girl or boy . . . into one’s room for the night. The teaching staff found the idea of this nocturnal traffic almost as exciting as did the students who were . . . conducting it. They debated anxiously with each other their ethical responsibility in the matter. To put a stop to it seemed impossible without invoking the full weight of authority, informing the Principal and the Governors; and once the clergy, especially the Bishop, got any wind of it there was no knowing what would happen - the whole place might be closed down, or a highly puritanical regime imposed which would frighten away all the liveliest and cleverest students. Besides, these members of staff were not at all sure in their own minds whether premarital intercourse was necessarily wrong any more. (*How far Can You Go?* 196-7)¹⁴

Um dos principais motivos de interesse de *How How Far Can You Go?* tem justamente a ver com a forma como os dogmas, mistérios, preceitos, mandamentos e sacramentos da fé católica, assim como a historicidade da Bíblia e a cientificidade dos factos nela relatados, são racionalizados, interpretados e questionados (88-90), em variáveis graus de (des)crença, por jovens adultos à descoberta do amor, da sexualidade e do corpo (próprio e alheio), num período marcado, como se disse, por uma maior liberdade e permissividade juvenis,¹⁵ bem como por um pendor reivindicativo e contestatário acrescido face às décadas precedentes. A estes traços epocais e culturais haverá que acrescentar a curiosidade e a opção por filosofias e

estilos de vida alternativos no plano espiritual. O último capítulo, que se apresenta como a transcrição de um documentário transmitido em 1975, dá, aliás, voz às dúvidas, às convicções e aos pontos de vista religiosos das personagens, entretanto amadurecidas e com famílias próprias constituídas, no quadro de um movimento renovador e reformista intitulado “Catholics for an Open Church”, sugestivamente abreviável para COC. No final do romance, é-nos revelado que o próprio Pe. Austin Brierley virá a abandonar o sacerdócio e a casar com Lynn, ex-secretária e ex-amante de Dennis, obtendo ainda uma bolsa de investigação para realizar um Doutorado em Sociologia das Religiões (242).

Uma apresentação sinóptica de alguns dos principais esteios da cosmovisão católica, veiculada, porventura com excessiva ligeireza, pelo narrador, ocorre logo no início de *How Far Can You Go?*. Dada a sua extensão (6-8), não poderemos reproduzi-la na íntegra, mas sempre transcreveremos um passo representativo da abordagem e do recorte humorísticos que irão (pre)dominar (ao longo de) todo o romance:

Before we go any further it would probably be a good idea to explain the metaphysic or world-picture these young people had acquired from their Catholic upbringing and education. Up there was Heaven; down there was Hell. The name of the game was Salvation, the object to get to Heaven and avoid Hell. It was like Snakes and Ladders: sin sent you plummeting down towards the Pit; the sacraments, good deeds, acts of self-mortification, enabled you to climb back towards the light. Everything you did or thought was subject to spiritual accounting. It was either good, bad or indifferent. . . . On the whole, a safe rule of thumb was that anything you positively disliked doing was probably Good, and anything you liked doing enormously was probably Bad, or potentially bad - an “occasion of sin”. (6-7)

Como nota Bernard Bergonzi, “The sense of being in the Church and at the same time something of an outsider can be traced in Lodge’s novels, which combine detailed knowledge of the institution with cool observation” (30). Considerando as épocas em apreço, não será de estranhar que alguns dos factos e das temáticas ficcionalizados em *How Far Can You Go?* sejam o Concílio Vaticano II (80-2), os católicos progressistas (79), a teologia da libertação (82), a já citada Encíclica *Humanae Vitae*, discutida com grande independência e sentido crítico pelo narrador (114),¹⁶ para além de questões ainda em aberto na Igreja Católica, como as do celibato dos padres e do sacerdócio feminino (120-1). Optaremos, porém, por destacar aqui a evocação das práticas e políticas de planeamento familiar sancionadas pela

Igreja, com destaque para o método dos gráficos e das temperaturas (73-4), de fiabilidade e eficácia discutíveis.¹⁷ No dizer do narrador:

They [the characters] had been indoctrinated since adolescence with the idea, underlined by several Papal pronouncements, that contraception was a great sin . . . that occupied a unique place in the spiritual game of Snakes and Ladders. For unlike other sins of the flesh, it had to be committed continuously and with premeditation if it was to have any point at all. It was not, therefore, something that could be confessed and absolved again and again in good faith It excluded you from the sacraments . . . ; and according to Catholic teaching . . . , if you failed to make your Easter Duty . . . you effectively excommunicated yourself. So, either you struggled on as best you could without reliable contraception, or you got out of the Church; these seemed to be the only logical alternatives. Some people, of course, had left precisely because they could no longer believe in the authority of a Church that taught such mischievous nonsense. More often, those who lapsed over this issue retained a residual belief in the rest of Catholic doctrine and thus lived uncomfortably in a state of suppressed guilt and spiritual deprivation. (79)

Como se sabe, o idiossincrático humor britânico extravasa não raro dos limites do decoro e do política ou socialmente correto e o mesmo se verifica, no tocante à religião e à sexualidade, em *How Far Can You Go?*. Os exemplos poderiam multiplicar-se, mas a sensibilidade de alguns leitores, católicos ou não, achará porventura excessiva, ou mesmo desnecessária, a suscitação do eventual carácter pecaminoso da masturbação (6, 9, 10-1); a referência ao conhecimento, ainda que meramente teórico, de práticas sexuais por parte do Pe. Brierley, “. . . for it is necessary that a priest should know of every sin that he might have to absolve” (12); à ambivalência semântica do termo *ejaculations* (29) ou à descrição da inexperiente convencionalidade do ato praticado por recém-casados (63).¹⁸

Como afirma Woodman: “A Catholic novel can be of interest historically, sociologically, and sometimes theologically” (5). Assim, em jeito de conclusão e tendo em mente a inegável relevância “documental” e “social” de *How Far Can You Go?*, este romance, na linha do proposto e exemplificado por Raymond Williams em “The Analysis of Culture” (1961), prestar-se-ia, a nosso ver, particularmente bem a leituras e aplicações específicas dos conceitos de “pattern of culture” (63-4), “social character” (63), “structure of feeling” (64) e “selective tradition” (66ss), uma vez que, mitificados ou não, os anos cinquenta e sobretudo sessenta do século XX deixaram, sem dúvida, poderosíssimas marcas, influências e imagens nos imaginários contemporâneos, pessoais e sociais, individuais e coletivos.

Obras Citadas

- Bergonzi, Bernard. *David Lodge*. Northcote House Publishers Ltd., in association with The British Council, "Writers and Their Work", 1995.
- Collins, Marcus, editor. *The Permissive Society and its Enemies: Sixties British Culture*. Rivers Oram Press, 2007.
- Donnelly, Mark. *Sixties Britain: Culture, Society and Politics*. Pearson Education Limited, 2005.
- Hennessey, Peter. *Having It So Good. Britain in the Fifties*. Penguin Books, 2007 (2006).
- . *Winds of Change: Britain in the Early Sixties*. Penguin Books, 2020 (2019).
- Lodge, David. *How Far Can You Go?*. Penguin Books, 1988 [Martin Secker & Warburg, 1980].
- . *Quite A Good Time to Be Born. A Memoir: 1935-1975*. Vintage, 2016 [Harvill Secker, 2015].
- . *Writer's Luck. A Memoir: 1976-1991*. Vintage, 2019 [Harvill Secker, 2018].
- Marwick, Arthur. *British Society since 1945*. Penguin Books, "The Penguin Social History of Britain", 2003 [1982].
- . *The Sixties: Cultural Revolution in Britain, France, Italy and the United States, c.1958-c.1974*. Oxford University Press, 1999 [1998].
- Menendez, Albert J. *The Catholic Novel: An Annotated Bibliography*. Garland Publishing, Inc., "Garland Reference Library of the Humanities", vol. 690, 1988.
- Papa Paulo VI. Carta Encíclica *Humanae Vitae*. Libreria Editrice Vaticana. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae.html. Acesso a 5 de março de 2023.
- Pickering, W. S. F. *Anglo-Catholicism. A Study in Religious Ambiguity*. James Clarke & Co., 2008 [Routledge, 1989].
- Sandbrook, Dominique. *White Heat: A History of Britain in the Swinging Sixties, 1964-1970*. Abacus, 2007 [2006].

Thomson, David. *England in the Twentieth Century*. 2nd. ed. “The Pelican History of England”, Vol. 9. Penguin Books, 1991 [1965].

Williams, Raymond. “The Analysis of Culture.” *The Long Revolution*. Penguin Books Ltd., 1980 [1961], pp. 57-88.

“Vaticano divulga números da Igreja Católica na Grã-Bretanha”. *CançãoNova*. 07 Setembro 2010. Modificado 16 Junho 2014. <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/bento-xvi/viagens-bentoxvi/reino-unido/vaticano-divulga-numeros-da-igreja-catolica-na-gra-bretanha/>. Acesso a 15 de fevereiro de 2023.

Walsh, Chris. “‘Not a Comic Novelist, Exactly’: The Academic Fiction of David Lodge.” *The Academic Novel: New and Classic Essays*, edited by Merritt Moseley, Chester Academic Press, 2007, pp. 268-90.

Woodman, Thomas M. *Faithful Fictions: The Catholic Novel in British Literature*. 2nd ed., The Catholic University of America Press, 2022 [1991].

¹ Trata-se, no fundo, do princípio “Crescei e multiplicai-Vos”, questionado por Thomas Malthus (1766-1834) em *An Essay upon the Principle of Population* (1798).

² Como declara Peter Hennessey, “John XXIII had a great impact on my generation of UK Catholics and Vatican II continues to be the template against which many of us test our thinking. It also left an enduring change in not just vernacular language replacing Latin at Mass but the involvement of the laity in the church” (*Winds of Change* 465).

³ Publicado nos Estados Unidos em 1982 com o título de *Souls and Bodies*. No verbete n.º 1471, dedicado a esta obra, Albert J. Menendez descreve-a como: “A social comedy about middle-class, university-educated British Catholics whose marital and sexual lives have changed dramatically since the 1950s. Many of their hopes for renewal and renovation in the church have been dashed” (183-4).

⁴ Marwick relata alguns casos juvenis curiosos pela franqueza e espontaneidade: “On the one hand there was the twenty-one-year-old daughter of a railway worker who said: ‘I have been brought up to believe that you should wait until you are married; and . . . if you love someone enough you can be prepared to wait until marriage.’ On the other hand was the nineteen-year-old lorry driver, . . . sexually active from the age of fifteen . . . who remarked: ‘If it comes along you don’t turn it down’; and the eighteen-year-old daughter of a skilled worker, hoping to go to university, who had been sexually active at sixteen and replied: ‘Twice a week if I like the boy. It depends on exams!’” (*British Society* 138-9); embora não limitada ao universo cultural britânico, cf. também, do mesmo autor, *The Sixties*, especialmente 74-7, 94-5, 388-9 e, já na transição para a década de 1970, 700-16.

Finalmente, para uma visão panorâmica e bem documentada da realidade britânica, recomendamos a leitura de um capítulo de Sandbrook, intitulado “Love without Fear” (477-500); a pílula anticoncepcional surge referida em 489-90.

⁵ Segundo uma estimativa já antiga, “Os números apontam que a população total da Grã-Bretanha é de 59.381.000 pessoas, destas 5.264.000 (8,87%) se denominam católicas” (<https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/bento-xvi/viagens-bentoxvi/reino-unido/vaticano-divulga-numeros-da-igreja-catolica-na-gra-bretanha/>, acedido a 15 de fevereiro de 2023).

⁶ Contrariamente a *Changing Places* (1975), *Small World* (1984) e *Nice Work* (1988), já publicadas em conjunto sob o título *The Campus Trilogy* (2011).

⁷ Tanto Waugh quanto sobretudo Greene são abundantemente invocados no romance (25, 38, 41, 49, 59, 82, 102...) e Bernard Bergonzi estabelece a seguinte comparação: “Graham Greene . . . described himself, after he had moved on from the tormented orthodoxy of his Catholic novels, as a ‘Catholic agnostic’; Lodge prefers to reverse the term and call himself an ‘agnostic Catholic’. He remains a practising member of the Church, though he is agnostic about the ultimate reality behind the symbolic and metaphorical languages of liturgy and scripture. . . . Lodge acknowledges that by traditional standards, including those that he professed as a young man, he is probably a heretic; but he believes that many theologians, including Catholic ones, would now hold similar views” (43).

⁸ “In *How Far Can You Go?* Lodge comments: ‘This book is not a comic novel, exactly, but I have tried to make it smile as much as possible’. Lodge’s . . . novels have the unarguable merit of making his readers smile; they also have the inestimable virtue of making thoughtful readers think.” (Walsh 290)

⁹ São ainda evocados *Eleanor Rigby* (111), o duplo LP *The Beatles*, de 1968, normalmente conhecido e designado como o Álbum Branco (122), e *All You Need is Love* (133).

¹⁰ A esta nomeação improvável acrescenta-se a apresentação de Judas como patrono das causas perdidas (1). Paralela e ironicamente, a ação inicia-se no Dia de S. Valentim (14 de fevereiro), conhecido e designado por Dia dos Namorados.

¹¹ “It is . . . difficult to measure changes in behaviour in areas where the law does not apply and . . . no statistics are kept. Nevertheless, it seemed that an increasing number of men and women were living together without going through . . . a wedding ceremony and that the younger generation had less inhibitions than their parents about pre- and extra-marital sexual relations. A survey of Britain’s 15- to 24-year-olds carried out in 1979 . . . showed that not only did 53 per cent approve of ‘sleeping with someone you are not married to’, but also that no less than 36 per cent disapproved of marrying someone with whom they had not already slept.” (Thomson 352)

¹² Veja-se, sobre este ponto, Lodge, *Quite A Good Time* 177.

¹³ “As a monogamous married Catholic of liberal principles, suspicious of ideological extremes and over the age of thirty . . . I was not likely to get personally involved, but I observed what was going on with a novelist’s interest.” (Lodge, *Quite A Good Time* 421)

¹⁴ Lodge, *Quite A Good Time* 422-4.

¹⁵ Na sua Introdução, intitulada “The Permissive Society and its Enemies”, escreve Marcus Collins: “Permissiveness was neither a catastrophe nor a canard, but a significant if contested liberalisation of behaviours and beliefs that began well before the 1960s and continues to this day.” (Collins, ed., 2). Consultem-se ainda Donnelly 122-3 e Hennessey, *Having It So Good*, 128-30.

¹⁶ Tome-se como exemplo os seguintes passos: “In the democratic atmosphere recently created by Vatican II, Catholics convinced of the morality of contraception were no longer disposed to swallow meekly a rehash of discredited doctrine just because the Pope was wielding the spoon” (114); e “. . . contraception was the issue on which many lay Catholics first attained moral autonomy, rid themselves of superstition, and ceased to regard their religion as, in the moral sphere, an encyclopaedic rule-book on which a clear answer was to be found to every possible question of conduct” (118). Cf. também as evocações e os testemunhos constantes de *Quite a Good Time* 270-1, 358-60 e 429-30.

¹⁷ Nas palavras do narrador, “. . . obedient to their Church’s teaching, they [the characters] relied upon periodic abstinence as a way of planning their families, a system known as Rhythm or the Safe Method, which was in practice neither rhythmical nor safe” (73) e “. . . just when they began to get the hang of sex - to learn the arts of foreplay, to lose their inhibitions about nakedness, to match each other’s orgasmic rhythms - pregnancy or the fear of pregnancy intervened, and their spontaneity was destroyed by the tedious regime of calendar and temperature chart” (75).

¹⁸ “None of our young brides even touched their husbands’ genitals until weeks, months, sometimes years after marriage. All accepted the first nuptial embrace lying on their backs with their arms locked round their spouses’ necks like drowning swimmers being rescued; while these spouses, supporting themselves on tensed arms, tried to steer their way blind into a channel the contours of which they had never previously explored by touch or sight. No wonder most of them found the act both difficult and disappointing.” (63)